

V. I. N. VI - AGO. 2025

EDIÇÃO

REVISTA DO CONSELHO REGIONAL DE MUSEOLOGIA
5ª REGIÃO PR/SC

© 2025 Corem 5R

MUSEOLOGIA EM FOCO

Revista do Conselho Regional de Museologia 5ª Região PR/SC

DIRETORIA EXECUTIVA (Gestão 2022-2025)

Presidente
Franciele Maziero

Vice-presidente
João Paulo Corrêa

Secretária
Denize Gonzaga

Tesoureira
Fernanda Cheffer Moreira

Conselheiros(as) titulares
Denize Gonzaga
Fernanda Cheffer Moreira
Franciele Maziero
João Paulo Corrêa
Marcella Monteiro Borel
Letícia Oracilda Acosta Porto

Conselheiro suplente
Luan da Rosa Pacheco

EXPEDIENTE

Edição
COREM 5ª REGIÃO PR/SC

Coordenação
Franciele Maziero - presidente

Projeto gráfico e diagramação
Denize Gonzaga

Edição e revisão textual da entrevista
Denize Gonzaga

Concepção de capa
Denize Gonzaga

Transcrição da entrevista e ISSN
Fernanda Cheffer

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Elaborado pelo Bibliotecário Douglas Lenon da Silva (CRB-1/3655)

M986 Museologia em foco: revista do Conselho Regional de Museologia 5ª região PR/SC [Recurso eletrônico] / Conselho Regional de Museologia 5ª região (COREM5R), v. 1, n. 6 (Entrevista com museólogo(a)) - Florianópolis, SC: COREM5R, 2025-.

Mensal

ISSN: 3085-8623

1. Museologia. 2. Museus. 3. Museus - Periódicos. I. COREM5R.

CDU 069

COREM 5R - AV. MAURO RAMOS, 1344 - FUNDOS - CEP 88020-320 - FLORIANÓPOLIS/SC

As falas dos entrevistados são de sua inteira responsabilidade.

Apresentação

Em 2024, a Lei Federal n.º 7.287/1984, que regulamentou a profissão de museólogo no Brasil, completou 40 anos, mais precisamente no dia 18 de dezembro, data em que se comemora o Dia do Museólogo. Foi um ano mais que especial para todos os profissionais de Museologia do país e, sobretudo, para todos aqueles que lutam pela profissionalização dos museus e espaços de memória, e principalmente pela valorização da profissão.

Em comemoração a esses 40 anos, o COREM 5R realizou o projeto “Live com Museólogo”, por meio do qual foram entrevistados diversos(as) museólogos(as) registrados(as) e atuantes no Conselho. Ao todo, foram realizadas 10 *lives*, que culminaram em entrevistas que serão reunidas nesta publicação ao longo de 2025, tornando-a fonte de pesquisa, de estudo e informação a trabalhadores, estudantes e interessados. Mas, mais do que um aporte técnico e institucional, esta revista tem como principal objetivo disseminar o conhecimento e atuação dos(as) nossos(as) registrados(as) nos diversos museus de nossa jurisdição.

As entrevistas foram realizadas com museólogos(as) de diferentes campos da Museologia, desde Gestão Estratégica até Comunicação Museológica, passando pelo olhar educativo dos museus e o seu papel como instituições de pesquisa e ciência.

Estamos muito felizes que chegamos a 6.^a edição com a entrevista na íntegra com o museólogo e vice-presidente do COREM 5R, João Paulo Corrêa. Agradecemos a todos(as) que aceitaram o convite; a todos(as) que deram o suporte necessário e contribuíram com seus conhecimentos para que esta publicação se tornasse realidade e a todos que nos assistiram e nos acompanham no Instagram. Desejamos que todos os assuntos e informações sobre a área aqui tratados sejam úteis para todos(as) que se interessam por Museologia.

Publicaremos mais quatro edições até o final de 2025 com esta proposta e, em 2026, teremos novidades na revista. Acompanhem-nos nas redes sociais. Boa leitura! ■

ENTREVISTA COM MUSEÓLOGO(A)

JOÃO PAULO CORRÊA



[...] eu priorizava muito essas saídas de campo, porque eu sabia que era ali que ia ter um conhecimento mais amplo do que só na sala de aula. Então foquei bastante nessas coisas. Era um esforço pra angariar fundos para ir justamente para essas viagens de estudos. Não importava onde.

João vive em Imbituba/SC. Gerente e museólogo da empresa Viés Cultural Museologia e Patrimônio, é graduado em Museologia pelo Centro Universitário Barriga Verde (Unibave). Realiza capacitação de docentes, discentes e atua como consultor em diversos projetos culturais. É responsável por ações estratégicas e operacionais na Viés Cultural. É vice-presidente do COREM 5R.

Franciele Maziero | Boa tarde a todos. Como estão? Sejam bem-vindos à *Live com Museólogo* nesta quarta-feira, dia 9 de outubro de 2024. Em instantes começaremos com o museólogo João Paulo Corrêa.

João Paulo Corrêa | Oi, Fran.

Franciele | Oi, João, boa tarde. Estamos fazendo a *live* do mês de agosto somente agora em setembro devido a contratemplos. Para esta edição, convidamos o museólogo João Paulo Corrêa para conversar com a gente. Então, quem tiver dúvidas, pode ir colocando aqui que depois a gente abre pras perguntas. João, muito obrigada por ter aceitado o convite do COREM 5R. Você é atualmente o vice-presidente. Então, pra nós, é uma honra tê-lo aqui. Fala um pouco sobre você para quem não te conhece. Seu nome, onde você mora, formação, onde se formou. Enfim, fica à vontade.

João Paulo | Primeiramente, obrigado pelo convite. É uma honra estar aqui com vocês pra participar, prestigiar, colaborar um pouco mais com o nosso COREM. Estamos a passos firmes, né, Fran? Precisamos de mais pessoas pra ajudar a gente. Particularmente, eu estou um pouco mais afastado como vice-presidente, mas estamos aqui para conversar um pouco, ter um bate-papo bem tranquilo, bem gostoso na tarde de hoje. Então, obrigado pela presença de todos. Aqueles que, porventura, forem ver futuramente, também muito obrigado.

Franciele | Qual é o seu nome completo? Onde você mora?

João Paulo | Vamos lá. Meu nome é João Paulo Corrêa e sou museólogo. Me formei em 2010, na Unibave [Centro Universitário Barriga Verde, Orleans, SC]. Sou da segunda turma de formandos. Foi o primeiro curso particular a ser implantado no Brasil. Hoje existem mais alguns, depois que abriram alguns locais em âmbito federal, mas era o terceiro curso do Brasil que tinha formação em Museologia. Moro e sou nativo de Imbituba, Santa Catarina, litoral sul catarinense. Sempre morei em Imbituba, continuo morando no mesmo local, no mesmo bairro, enfim, meu escritório também é no bairro onde eu moro. Eu vivo onde eu nasci. Pra quem não me conhece geograficamente, essa é um pouco da minha história.

Franciele | Você começou e terminou a faculdade em que ano? Já faz um tempinho, né?

João Paulo | Agora tu começou a puxar data, Fran, assim tu me quebra (risos). Me formei em 2010, em abril, se eu não me engano.

Franciele | Então tu começou em 2006, 2007 a faculdade?

João Paulo | Isso, 2006. Eu lembro muito bem que, neste ano, adiantando um pouco o assunto aqui, foi quando a nossa comunidade fez 150 anos, comunidade bem histórica de colonização portuguesa, típica vila açoriana com igreja voltada pra lagoa, pro mar, praça, comércio, casas em volta, enfim, bem aquele típico desenho de colonização luso-açoriana. Então fazia 150 anos e teve um festejo na comunidade, e eu lembro que uma moradora, amiga nossa, que atua muito com cultura açoriana, me falou “João Paulo, eu tive no encontro do NEA [Núcleo de Estudos Açorianos], tava divulgando um curso, e eu não sei por quê, mas eu achei muito a tua cara.” Eu falei “Olha, que interessante! Deixa eu dar uma olhada com mais calma, Neide.” Daí peguei esse documento, dei uma olhada. Era totalmente avesso do que eu estava fazendo até então. Minha formação anterior é de técnico em eletromecânica. Trabalhava em cerâmica.

Franciele | Eu ia te perguntar isso. O que te fez entrar na Museologia?

João Paulo | Por isso eu falei que ia estar adiantando um pouco as coisas aqui...

Franciele | Porque você trabalhava com uma área que não tinha nada a ver, né?

João Paulo | Não tinha nada a ver. Eu sou formado em eletromecânica, trabalhei em manutenção elétrica, mecânica, em



Porto Belo, Tijucas, naquela região, na extinta Cerâmica Imbituba. Também trabalhei na parte de manutenção, eletrônica. Enfim, já circulei bastante em todas as áreas... Braço do Norte, já trabalhei lá, com controle de qualidade, mas tudo voltado nessa linha de mecânica e de projetos de desenvolvimento, mas nada a ver com a parte cultural, até o momento em que nossa amiga foi lá com esse panfieto e me mostrou essa possibilidade. Eu achei bem interessante, estava cansando já dessa parte mecânica, de manutenção mecânica, elétrica, desenvolvimento dessa parte. Achei interessante. “Olha, deixa eu me inscrever no curso.” E como tu mesmo sabe, como todo mundo conhece, uma vez que a gente entra nessa área cultural, museológica, o campo é bem vasto. Como diz o pessoal “quando a gente toma da cachaça, a gente gosta e não quer mais largar.” E estamos aí até hoje; vou fazer 15 anos de empresa.

Franciele | Eu ia perguntar se teve algum museólogo que entrou em contato com você, mas então foi uma amiga, uma conhecida.

João Paulo | Foi uma amiga do bairro. Ela participou de uma reunião do NEA. Provavelmente alguém da Unibave estava lá. Ela trouxe o panfieto, eu comecei a dar uma lida nas coisas e achei interessante. Pensei: “Já estou a fim mesmo de sair dessa área de mecânica, elétrica, então deixa eu virar totalmente a curva pra pegar outra vertente aqui. Vamos liberar outras frentes...”

Franciele | Sim, mas você se interessava por história, por essa questão?

João Paulo | Não.

Franciele | Pois é, isso é interessante, né?

João Paulo | Não, não. Geralmente é o pessoal mais ligado à história, sempre quis fazer história e começa a despertar... Não, meu caso foi totalmente diferente. Bom que essas experiências anteriores que eu tive me ajudaram e me auxiliaram muito em tudo aquilo que a gente desenvolve hoje. Essa parte de leitura de projeto, desenvolvimento de produtos, manutenção, enfim, tudo isso ajuda hoje. Hoje meu trâmite com arquiteto...

Franciele | Carreira, né?

João Paulo | Então, isso hoje é muito fácil para mim, porque já é uma linguagem conhecida anteriormente. Todas essas engenharias. Então fica muito fácil.

Franciele | Sim.

João Paulo | A gente conversa, claro, não de igual para igual, mas eu tenho um conhecimento bem vasto pra conversar com eles e saber o que a gente quer e chegar junto na melhor solução, pra um problema pontual no museu, por exemplo, com um projeto específico.

Franciele | E pensando na faculdade? Quais foram as dificuldades que você encontrou logo no início, porque a faculdade era em Orleans, você morava em Imbituba. Tinha a questão do deslocamento, dificuldade cultural, financeira. Como era, João? Se puder falar um pouco pra gente...

João Paulo | Era complicado, porque não existia ônibus pra Orleans. O pessoal que estudou naquela região sabe que a questão de linhas de ônibus é bem complicada. Então eu ia de moto. Duas horas de moto até Orleans. Moto emprestada do meu pai. A gente ficava em alojamento, principalmente as pessoas que moravam fora.

Franciele | Sim.

João Paulo | Então era bem complicado. Era bem difícil mesmo esse traslado. Muitas vezes cansado. Já cheguei a dormir em cima da moto uma vez no retorno da aula e fui acordar quando caí no meio-fio do outro lado, na contramão.

Franciele | Nossa, que perigo!

João Paulo | A sorte que naquelas curvas de Orleans não tinha ninguém na contramão, porque senão hoje eu não estaria conversando contigo, com certeza. E dificuldades financeiras nem se fala, porque é um curso privado. Além de toda a logística, o estudo, realmente, as saídas de campo...

Franciele | A mensalidade. Todo mês ter que pagar...

João Paulo | Sim, e eu priorizava muito essas saídas de campo, porque eu sabia que era ali que ia ter um conhecimento mais amplo do que só na sala de aula. Então foquei bastante nessas coisas. Era um esforço pra angariar fundos para ir justamente para essas viagens de estudos. Não importava onde. Chegou um momento de eu e o Eráclito [Pereira] fazermos rifa pra ir pro Rio de Janeiro pra um encontro de Sociomuseologia. Foi lá que a gente conheceu o [Hugues de] Varine, a Maria de Lourdes Parreiras [Horta], a Odalice [Miranda] Priosti, enfim, todo esse pessoal que tanto a gente estudava nos livros. A gente pôde conviver uns 10, 15 dias com eles intimamente, e a amizade que ficou. Até hoje temos contato. Mas, enfim, pra gente conseguir chegar foi bem complicado. Tem algumas histórias bem icônicas dessas dificuldades financeiras. Em uma foto, eu e o Eráclito, nunca esqueço [se ele tiver presente aí, abraço pro Heráclito, que hoje está lá na federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre], estamos literalmente dividindo uma marmita, que era o que o dinheiro dava. Foi bem interessante esse encontro; apesar de toda essa dificuldade, eu lembro que a gente apresentou trabalho. Nosso objetivo era mesmo de estudo e lembro que, quando terminamos toda a nossa explanação, o pessoal nos perguntou “Mas vocês são mestres, doutores em Museologia?”. E a gente disse: “Não, não, gente é só acadêmico. Estamos em formação ainda”. E eles: “Mas que consistência de trabalho...” Foi muito legal. Daí a gente começou a perceber que regularmente tudo aquilo que a gente estudava, vivenciava, principalmente, todo o nosso estudo, nosso esforço valia a pena. Que a gente estava se destacando...

Franciele | Pensando nesses contatos que você fez durante essas visitas de campo, essa questão vinculada às disciplinas, a professores, durante a graduação, teve algum com quem você se identificou, que te influenciou pra seguir uma área específica?

João Paulo | Parece ser mentira minha, mas desde o primeiro semestre o meu objetivo foi muito específico. Desde que eu entrei no curso, tentei identificar o que era realmente o curso. Como eu falei pra ti, eu era de uma área totalmente avessa à parte cultural, à parte técnica. E primeiro tentei entender o que era o curso realmente, como funcionava. E daí comecei a visualizar que todo mundo ia em busca de um concurso público. Nada contra, mas iam em busca do museu e do local “x”, trabalharam no museu “y”, mas o meu perfil nunca foi esse. Tanto é que eu quis sair da área de manutenção, porque eu não queria me estabelecer num ambiente só, fazer sempre a mesma coisa. Literalmente apertar sempre aquele mesmo parafuso, do Chaplin, diariamente, até me aposentar naquilo. Então eu sempre quis ir atrás desses desafios. E logo no primeiro semestre identifiquei que existia um nicho de mercado. Então, meu trâmite com todos os professores, com todas as matérias foi muito boa. Eu não tinha essa coisa de me focar mais nisso ou naquilo. Enfim, eu sabia que a minha formação tinha que ser a mais ampla possível. Eu tinha que absorver o conhecimento de todas as áreas possíveis para eu conseguir desenvolver e ser aquilo que a gente é hoje. Então

eu não foquei só em educação, exposição ou documentação museológica.

Franciele | Acontece muito, né? A pessoa entra e vai para área de conservação...

João Paulo | É, e eu fiz o inverso disso.

Franciele | Interessante.

João Paulo | [inaudível] O máximo de informação possível, de possibilidades possíveis, porque eu já tinha um planejamento, já sabia o que eu queria. Minha estratégia estava formada. Não era um sonho, eu estava colocando em execução um projeto de vida. Eu tinha que saber de todas as áreas para eu poder desenvolver. Essa minha base, visão daquela época faz o que a gente é hoje. Quando eu falo a gente, quero dizer meu CPF e meu CNPJ. São duas pessoas.

Franciele | Lembrando que o João tem uma empresa. Depois vamos falar um pouquinho. Foi a primeira empresa da região sul, né?

João Paulo | A primeira empresa de Museologia do sul do Brasil. Nós tínhamos concorrentes em São Paulo, Bahia e Minas Gerais. Então de São Paulo pra baixo não tinha nenhuma outra empresa de Museologia. A gente foi a primeira.

Franciele | Foi algo bem inovador, né? Imagina...

João Paulo | Nós não tínhamos base de informação de como montar uma empresa de Museologia. Como atuar no campo museológico. Hoje tá mais difundido por conta da internet, tem mais conhecimento, mas naquela época nem bibliografia tu encontrava direito. Imagina um museu de pequeno porte do oeste de um determinado estado. Até ele saber que tinha um problema... Começa por aí, ele tinha que identificar um problema e saber que existe uma solução pra aquele problema e que existia uma empresa que poderia solucioná-lo pra ele. Até formar essa rede, demorou. Até todo mundo começar a entender o que a gente se propunha a fazer e aparecerem os resultados, foi uma caminhada bem longa.

Franciele | E o teu estágio? Você fez vinculado à Museologia comunitária, aos ecomuseus?

João Paulo | Após o evento de 150 anos, a gente quis montar na comunidade um museu, um espaço de memória, algo nessa linha. Então o meu TCC foi justamente em cima disso, de museus de pequeno porte. Geralmente vem com significado de diminutivo, mas não é bem assim. Eu quis conciliar ao termo “equipe”, que vemos muito por aí. Funcionário que faz a higienização do acervo, monta exposição, recepciona, administra, enfim. Então a gente começou a desenvolver a ação na comunidade do Mirim, pra poder formatar esse espaço de memória. Por questões políticas, hoje ele não existe mais. Ficou ativo durante...

Franciele | Ah, não?

João Paulo | Não, hoje ele não existe mais. Era um espaço público. Numa metade era instalado o Correio e, na outra, era um local meio abandonado, meio ocioso, porque era uma antiga escola geminada, que o quadro vira pra um lado, vira pro outro, enfim, bem do lado da igreja. Então a gente montou um espaço museológico ali. Ficou muito legal. Foi bem visitado por escolas e tudo o mais. Mas só teve questões políticas mesmo, e a prefeitura pediu aquele espaço.

Franciele | Hoje, em Imbituba, tem somente o Museu da Baleia, que é vinculado à prefeitura?

João Paulo | É só esse museu mesmo. Muito tempo atrás tinha um museu da cidade, localizado na usina hidrelétrica, que hoje precisa ser todo restaurado pra poder abrigar alguma coisa. Em uma parte dele, a prefeitura fez algumas reformas e abriga o teatro Usina. Então tem um pessoal que mantém esse espaço na força e na coragem, e, com recursos próprios, do bolso, mantém toda a estrutura, que é gigantesca, mas realmente precisa de um cuidado maior, mais de órgãos públicos. Não de privados, porque não eles têm força pra isso. Mas pelo menos eles estão lá mantendo tudo isso, fazendo um grande trabalho. Mas fora esse museu, não tem mais nada lá. E é uma pena, porque a gente sempre quis atuar em Imbituba, mas nunca conseguiu fazer nada.

Franciele | Eu ia te perguntar. A empresa ou você, pessoa física, chegaram a atuar em algum momento em Imbituba?

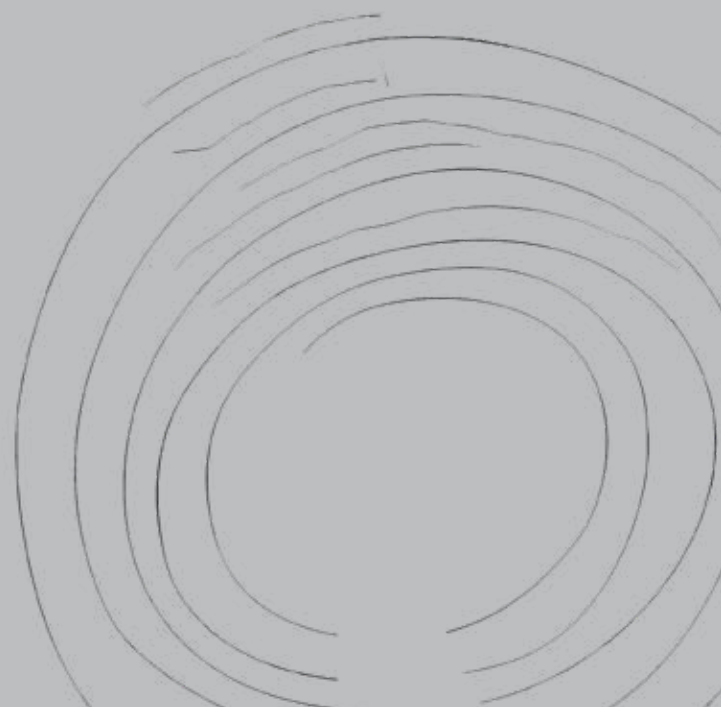
João Paulo | Não, nunca, na parte museológica, não. Nunca atuamos em nada. Já tentamos várias vezes, conversamos com várias gestões ao longo destes anos todos, mas a gente nunca conseguiu efetivar nada.

Franciele | Sim, se alguém da municipalidade, da prefeitura estiver ouvindo ou ouvir esta *live*, precisa ficar atento sobre a importância e a obrigatoriedade de ter um profissional museólogo. Imbituba tem uma prefeitura que tem como fazer concursos. Fazer uma licitação pra prestação de serviço ou contratar o profissional. Mudando um pouco de assunto, sobre a questão de mercado de trabalho, você o viu diferente? Você entrou com objetivo e já sabia que queria atuar nessa questão de assessorar os museus, né? Me corrige se eu estiver errada. Acho que é isso...

João Paulo | Sim, nunca pensei diferente disso. A minha ideia sempre foi montar uma empresa e cada dia uma novidade, literalmente, né? Hoje estamos atuando em vários circuitos [?], então a gente nunca fica preso no mesmo museu e nunca atua no mesmo segmento. Sempre abrange o máximo possível. Desde a minha formação, já pensei estrategicamente toda a minha formação pra seguir esse caminho. Então por isso que a gente não atua... [inaudível].

Franciele | Conta pra nós um pouco sobre como você formou essa empresa. Foi sozinho, chamou colegas ou amigos?

João Paulo | Em Orleans [SC], a gente dormia em alojamentos e tinha aula sexta, sábado, às vezes nos feriados também — a gente emendava os feriados e, pra compensar esses outros dois períodos faltantes de uma semana, a gente acumulava



esses dois períodos no final do semestre. Então ficávamos lá 15, 17 ou 20 dias, dependendo dos feriados. E a gente conversava com todo mundo, conhecia bastante o pessoal e lá a gente uniu bastante força, principalmente, eu, o Marco [Antonio Ballester Jr.] e o Eráclito [Pereira]. Eu joguei a ideia, e a gente começou a formatá-la. Bem aquele papo de acadêmico, sonhador, mas já estava bem definido o que eu queria fazer, e depois chamamos a Caroline Martello, que hoje acho que não está mais atuando na Museologia. Então juntou a nossa equipe, começamos a conversar, esboçar mais alguma coisa e, naquela época, também conversamos com o professor Maurício [Selau]. Convidamos ele para entrar também na equipe e montamos a empresa. A gente fez um projeto piloto em uma cidade de Gravatal [SC]. Conhecendo o nosso trabalho e nós, individualmente, um outro professor chamou a gente pra fazer esse projeto piloto. Ao longo desses anos, cada um foi descobrindo a sua área e saindo. O Marco tem atuação até hoje em Itajaí; o Eráclito tinha o sonho de ser professor — então conseguiu passar num concurso; a Carol também desistiu um pouco, tava cansada de tantas viagens, se afastou um pouco mais do grupo e seguiu sozinha por mais algum tempo na região, onde ela morava, e depois se desligou completamente; o Maurício ficou comigo mais tempo e hoje estou sozinho na empresa.

Franciele | Hoje, dessa equipe que tu montou na empresa, você é o único?

João Paulo | Sim, mas eu não sou sozinho. Tem uma equipe por trás de mim. Faço toda a coordenação, mas junto comigo somos em três museólogos, eu, a Poliana [Silva Santana] e a Josiane [Alcântara]. (Abraço pras duas) Nós temos mais uma arquiteta, a Jalline [Cesca], que atua também diretamente comigo; uma historiadora Mariane [Coelho], que atua na pesquisa, a Isadora [Borges], que está se formando em Arquitetura, e daqui a pouco vai ser arquiteta, e a Caroline [Megier Meller], que é conservadora-restauradora formada no Rio Grande do Sul.

Franciele | É uma equipe bem multidisciplinar, né?

João Paulo | Bem consistente e, dependendo do projeto, claro, a gente vai chamando outros atores para participar do projeto. Já teve épocas de a gente chamar até um economista, por exemplo, pra desenvolver documentos para o museu junto com a gente. Um arqueólogo também...

Franciele | Então, dependendo daquilo que vão fazer, vocês chamam um profissional específico?

João Paulo | Sim, um profissional que a gente precisa. Vamos supor que eu preciso criar o Museu de Zoologia. Então a gente chama alguém dessa área pra atuar junto com a gente nesse determinado museu. Dependendo da temática e se a nossa equipe não consegue fazer, precisa de conhecimentos extras, a gente incorpora mais um profissional pra atuar no projeto, bem pontualmente.

Franciele | Em relação aos trabalhos, sabemos que a Viés [Cultural Museologia e Patrimônio] é uma empresa que hoje atua tanto em Santa Catarina quanto no Paraná e tem uma vasta carta de cidades para as quais já prestou serviço. Queres comentar um pouco quais foram elas? Oeste de Santa Catarina, Meio Oeste?

João Paulo | Nossa, já atuamos em muitos lugares, mas eu acho que é mais fácil falar sobre os estados. Atuamos no Rio Grande do Sul, no Espírito Santo, em Mato Grosso, no Distrito Federal.

Franciele | Paraná e Santa Catarina também, né?

João Paulo | Paraná e Santa Catarina são nossa atuação mais direta. Nosso sonho é extrapolar as barreiras brasileiras e atuar em outros países. Não é sonho, é projeto, e todo projeto tem um planejamento.

Franciele | Interessante! Um projeto bem audacioso. Desses trabalhos em que vocês atuaram, teve algum em que pensou “não era pra ter pegado isso”?

João Paulo | Sim. Tem muito perrengue. Vou citar locais, não vou citar museus, mas foram geralmente advindos de licitações. Geralmente as licitações são “técnica-preço”. As um pouco mais sérias, sempre vão nessa linha. E a nossa equipe é bem consistente. A gente tem bastante atuação. Quando tem bastante atuação, experiência, principalmente bastante documentação, CRTs, laudos, enfim, tem bastante coisa para comprovar que a gente já fez serviços. Então isso nos deixa bem competitivos. Esses dois casos, por exemplo, que a gente não devia ter pegado, foi justamente de licitação, que era pra outras empresas terem ganhado, eram. digamos, a “preferência do contratante”, e tecnicamente a gente conseguiu passar, porque tecnicamente fomos melhor. Era a nossa concorrente. Processo de licitação simples, transparente, enfim, uma situação normal, como qualquer outra.

Franciele | Quem quiser pode pesquisar.

João Paulo | Geralmente, dão uns problemas. Aqui em Santa Catarina teve um e no Distrito Federal teve outro que largamos literalmente pela metade. Começamos a trabalhar e tudo o que a gente fazia não tava bom. Pensamos então: “o problema somos nós, não somos nós que vocês queriam.”

Franciele | Sim, acontece.

João Paulo | Pagamos todas as multas e saímos da licitação. Não sei se esse museu foi para frente. Faz tanto tempo que isso ocorreu. Não tive mais contato com o pessoal de lá. Não sei se foi efetivado. Sei que era museu a nível nacional, bem interessante. A gente teve que chamar um economista pra participar da equipe. Mas, enfim, são processos que acontecem. E, ao longo do caminho é normal acontecer. A gente sempre tenta defender tecnicamente aquilo que é mais viável. Claro que, dependendo do caso, a gente perde, mas a gente sempre bate o pé. “Querem fazer o contrário, assumam as responsabilidades. Eu estou te entregando um documento.”

Franciele | Às vezes tem um embate, né?

João Paulo | Passando por tudo isso, digamos assim, “está aqui esse documento, eu estou assinando este documento pra fazer dessa forma. Tecnicamente é isso aqui e minha assinatura técnica está aqui embaixo.”

Franciele | E teve algum projeto desses que você queria muito como significativo para a empresa?

João Paulo | Eu gosto muito de trabalhar com os museus pequenos, com cidades pequenas. A gente não faz distinção nenhuma (abrindo um parêntese). Não importa se a gente está atendendo, por exemplo, Curitiba (uma companhia como a Sanepar [Companhia de Saneamento do Paraná]), com milhões de habitantes, ou uma cidadezinha de Três Arroios, que tem 2 mil habitantes. A qualidade que a gente entrega pra um ou pra outro é a mesma. Nosso valor de consultoria é o mesmo para ambos. Não é porque um tem maior poder aquisitivo que eu vou cobrar mais dele e menos de outro. A gente sempre foi muito firme nessa questão. Então eu gosto muito de trabalhar com museus pequenos, porque todo mundo se envolve, a comunidade literalmente se envolve. E conversam, dialogam bastante, trazem objeto, enfim, é muito legal. Sempre

onde a gente vai deixa bastante amizades nesses locais. Por exemplo, aqui no museu Parque [Histórico de] Carambei [PR]. É um museu a céu aberto. Então tem várias unidades espalhadas, como se fosse uma vila: tem a Casa do Colono, a estação ferroviária. Bem interessante. Estamos começando a desenvolver o Plano Museológico aqui. Antes que tu pergunte, tem CRT (risos).

Franciele | Em termos de gestão, salvaguarda, pesquisa, comunicação, qual você acha que é a mais desafiadora ou a que você mais atua dentro da empresa? Você mesmo disse que tem outros museólogos...

João Paulo | A gente começou a nossa empresa e hoje ela é dividida por setores. Então, cada profissional é responsável por um setor da área museológica. E eu coordeno tudo. Todo mundo opina, mas, claro, sempre tem uma pessoa-chave para coordenar uma vertente da Museologia. Eu acredito que o mais complicado que a gente tem hoje, por exemplo, como este, que tem muita gente trabalhando, é conciliar todas essas informações técnicas com as relações interpessoais. A gente precisa sentar com todo mundo, colocar as equipes juntas e delegar as funções. Nesses museus, digamos, que têm mais pessoas trabalhando, é mais complicado, né? Conciliar todo mundo para que todos comecem a traçar a mesma linha e seguir o mesmo norte. Esse é o principal desafio que a gente tem. A parte técnica é tranquila (entre aspas), porque o nosso metiê é esse. Nos museus menores, é o cuidado com o acervo, a conservação e a guarda. Trabalhar mais esse entendimento de que o museu não é um depósito. Todo mundo já está bem acostumado com isso... Então, até começar a implantar uma política de acervo, fazer a comissão entender isso, a comunidade entender todas essas questões e começar a desmistificar que é melhor para o museu dessa forma, a gente sofre um pouquinho mais. E principalmente na questão da conservação, a gente sempre fala, aperta um pouquinho mais. E, claro, recurso financeiro nem se fala...

Franciele | É, a gestão é um desafio. E hoje em dia, quem é o profissional João? Quais são os teus projetos? Tem alguma coisa que você gostaria de compartilhar conosco?

João Paulo | Não são meus desejos, são meus projetos, de atuar internacionalmente. Isso é bem pé no chão. A nossa equipe é muito unida. A gente sempre debate. A minha conversa com toda a equipe é muito transparente. Então o pessoal também é muito transparente comigo. Qualquer problema a gente senta pra conversar e começa a discutir tudo. Agradeço bastante a equipe que a gente tem. Eu tenho satisfação de coordenar esse pessoal todo. As meninas me ajudam muito. Impressionante, nosso corpo técnico é todo formado por mulheres.

Franciele | E a Inteligência Artificial (IA), como você vê isso? Porque vocês trabalham bastante com projetos expográficos...

João Paulo | Com tecnologia. Sim.

Franciele | O que que você pode comentar sobre isso? Você acha que o museólogo vai perder o mercado de trabalho pra inteligência artificial ou dá para conciliar?

João Paulo | Depende do museólogo. Se ele não tiver conhecimento suficiente pra conseguir se impor diante das coisas e principalmente não conseguir soluções rápidas em prazos recordes ou pensar que tudo é mil maravilhas. “Eu botei meu projeto, tal objeto vai ficar aqui”, chega na hora não encaixa, dá algum problema, em poucos segundos conseguir desenvolver, raciocinar rápido, adaptar o móvel, esse tipo de coisa. Então é do profissional; não tem como substituir. Se for um bom profissional, com boa atuação, um bom conhecimento,

tiver um bom trâmite em todas as áreas, não tem o porquê de ele ficar para trás. O acesso de tecnologia a gente sabe que ele tem a programação. Nós, como humanos, temos que fazer isso. Temos que sair fora desse eixo de programação que, enfim, é o nosso projeto. Então, muita gente tem que sair do nosso projeto pra tentar solucionar aquilo de forma muito rápida. Queimou uma lâmpada, o que eu faço? A exposição vai abrir? Em 5 minutos, o que eu vou fazer? Bota uma escada, puxa o fio e emenda, e assim vai. Ou seja, se o profissional não for preparado para isso, para botar, pegar uma escada, subir, abrir a tampa, puxar o fio e fazer uma emenda, é claro que vai ser substituído.

Franciele | Eu pergunto porque eu já escutei isso de outras pessoas: “O que vocês fazem como museólogos o ChatGPT faz”. E não é assim, né?

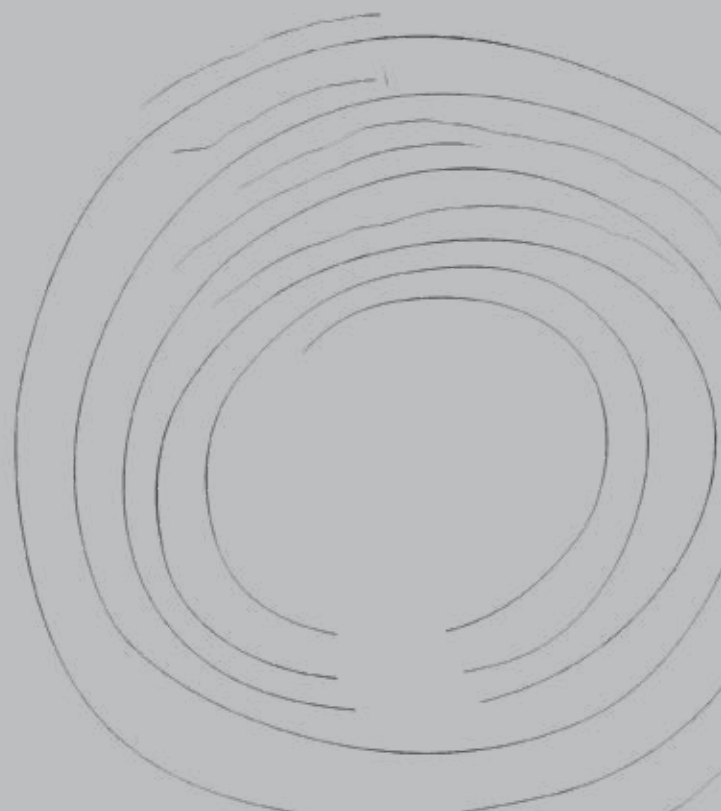
João Paulo | Não, não.

Franciele | As pessoas comentam muito, principalmente sobre Plano Museológico, sobre documentos que a gente cria para os museus.

João Paulo | Se fizer um Plano Museológico pra colocar na gaveta, com certeza ele vai servir. Mas se realmente é um profissional que tem atuação, que quer realmente desenvolver aquele museu, quer atuar e quer que ele prospere, não adianta. Por mais que jogue informações lá, ele nunca vai te dar isso. “Ah, não, mas eu quero só uma alguma coisa pra colocar na gaveta e simplesmente vou assinar meu nome aqui embaixo e deu.” Já não foi profissional pra fazer isso; então é claro que não vai dar. E se o museu também vai aceitar um negócio desse. Numa contratação, se tu chegar três dias depois com 500 folhas de Plano Museológico sem discussão, sem nada. Tu não sabe quais são os problemas, quais são os anseios, qual vai ser o norte... Como é que tu entrega algo em dois dias pronto, sem nenhuma discussão. Com certeza, se for um profissional que de um dia pro outro vai entregar 500 folhas pra colocar numa gaveta com uma simples assinatura, perfeito, ela vai te substituir.

Franciele | E a gente sabe que tem profissionais que fazem isso, né? Infelizmente.

João Paulo | Sim, já me procuraram, não uma vez nem duas, dizendo “Ó, eu tenho Plano Museológico aqui e preciso da



assinatura de um museólogo.” “Eu fiz aqui.” “O que tu és?”, perguntamos. “Ah, sou profissional “x”.

Franciele | É bem assim que funciona, né?

João Paulo | Agora nem tanto. Aqui no Paraná a gente se deparava muito com esse tipo de caso. Pessoas de fora da área museológica. Não vou citar profissionais, mas pessoas que faziam, elaboravam, atuavam dentro de museus que faziam projeto, planos museológicos, procuravam profissionais de outros estados somente para uma assinatura técnica. Isso ocorreu muito aqui no Paraná.

Franciele | Sabes que a atuação do COREM 5R em Santa Catarina tem sido, digamos, satisfatória, em relação à fiscalização, mas no estado do Paraná nós ainda pecamos e muito pelo fato de a gente não conseguir adentrar muito. Então a gente pede muito a ajuda dos profissionais museólogos do Paraná pra entrar em contato e nos dizer pra olhar determinado museu, profissional.

João Paulo | Diminuiu bastante, porque um trabalho bom que tu faz num museu reflete nos vizinhos. Então essa rede começa. E também com os cursos de Museologia vindo mais pra cá, mais profissionais, a Uniasselvi [inaudível], e assim por diante. Tem mais profissionais espalhados, o conhecimento tá mais difundido nesse momento do que há alguns anos. [inaudível]. Como eu fiz o Plano Museológico, continuo na mesma, como eu estava aqui há oito meses, como é que pode? Por que eu não estou evoluindo e tu estás? Então o pessoal começa a enxergar esse tipo de coisa. Ainda bem!

Franciele | Você acredita que hoje a sua empresa, a Viés Cultural, alcançou já um patamar de consolidação no estado?

João Paulo | É uma pergunta meio complicada, porque a nossa trajetória é de 15 anos.

Franciele | Sim, por isso que eu pergunto.

João Paulo | Então a gente tem uma estrada bem grande já percorrida; a gente já passou por bastante dificuldade. No começo foi bem complicado. Nosso corpo técnico hoje está muito consolidado em todas as vertentes, todas as áreas da Museologia. Tecnicamente a gente tem excelência. E é claro que a gente vai crescer bem mais. O projeto é consolidar mais ainda. A gente não quer ser maior nem melhor do que ninguém. A gente só quer fazer o nosso trabalho bem feito. Ser reconhecido pelo trabalho que a gente faz. Sei que tem muita gente que torce contra, muitos museólogos. Não sei o porquê também, mas enfim. A gente nunca fez nada para ninguém, nunca tiramos o mercado de ninguém, por mais que achem que sim. Eu não vejo dessa forma. A gente batalhou bastante. Nunca me esqueço... Em um dos projetos lá no começo, quando eu pegava a moto do pai emprestada e saía distribuindo orçamento, eu fui na cidade “x”, de moto (tava chovendo), pra entregar um orçamento pra uma pessoa do alto escalão da prefeitura. Fui lá pessoalmente pra conversar um pouco mais sobre o projeto, explicar qual era a proposta, as dificuldades. Lembro que eu caí, a moto escorregou por causa da chuva, tive que ir no posto de gasolina trocar de roupa, pra chegar lá entregar, e a secretária pediu pra deixar em cima da mesa, e não tive a oportunidade sequer de conversar. Então foram oito horas embaixo de chuva, cansado, pra chegar lá, deixar em cima do balcão e virar as costas.

Franciele | Sei como é.

João Paulo | Todo esse chão, todas essas dificuldades que a gente percorreu fazem o que a gente é hoje. Então fica muito complicado a gente ser julgado se tu não percorreu tudo isso.

Não sabe as dificuldades; tu estás vendo hoje, agora, não sabe de todo o caminho pra chegar até aqui. Um desabafo...

Franciele | Sim, a *Live com Museólogo* é pra dar espaço para o museólogo falar. Estamos na escuta. Tens alguma mensagem pra deixar pros estudantes, recém-formados, o pessoal que está fazendo Museologia na UFSC, na Unespar ou Museologia à distância?

João Paulo | Tenho. Não se prender num único local. Estudar o máximo possível e principalmente conhecer a realidade dos museus. Visitar museus, tecnicamente. Não só visitar, mas uma visita pra conhecer a realidade dos museus. Se não conhecer a realidade dos museus, não vai fazer nada. Muitas vezes o pessoal sai da academia achando que tudo é fior e, na verdade, é tudo ao contrário. A gente às vezes faz um planejamento ideal, dos sonhos, mas quando vai colocar aquilo na realidade, é totalmente diferente e não sabe como resolver esses problemas. Então, tem que corrigir esses problemas antes que isso aconteça.

Franciele | Sim, evitar, né? Calcular os riscos.

João Paulo | Exatamente.

Franciele | Exatamente. Aquilo que a gente aprende aí nos projetos. Enfim, João, agradeço pela tua presença, tua disponibilidade. Já estamos encerrando. Te falei que não seria mais que uma hora. Eu sei que o teu tempo é bem escasso. Queres deixar o teu contato, do site, da empresa, e-mail, telefone? Depois a gente também pode colocar no link da *live*.

João Paulo | Depois vocês colocam. Quem quiser seguir a gente pelo Instagram da Viés Cultural... A gente está à disposição. Ali no chat também tem todas as informações. Podemos conversar por ali.

Franciele | Quem sabe, tem essa galera que tá procurando estágio, não sei se a empresa também disponibiliza vaga de estágio...

João Paulo | Dependendo do local, a gente tem bastante museus. De repente a gente poderia encaixar em algum museu específico, claro, estamos com a porta aberta. Como a nossa empresa é de Imbituba... A gente trabalhou com alguns profissionais de fora, mas eu tento sempre contratar profissionais do nosso bairro, passando por bairros vizinhos e assim eu vou abrindo até chegar mais próximo da nossa sede. Eu sempre gosto de fazer isso, mas nos museus onde a gente atua também temos profissionais do próprio museu. Então, se alguém quiser fazer um estágio, dependendo, sempre chamamos os mais locais desse museu. Interessante que a gente está sempre abrindo aqui, principalmente no Paraná, e pra preencher é muito complicado, ninguém quer trabalhar. Pra preencher as vagas tá bem complicado, ninguém se inscreve.

Franciele | O que você acha que acontece? O pessoal não se interessa?

João Paulo | Questão de perfil. Por exemplo, se eu moro em Imbituba, vou querer pegar um estágio só em Imbituba, no meu bairro vizinho no máximo. Essa pode ser uma resposta possível pro teu questionamento. “Ah, não, eu moro em Imbituba, mas se aparecer alguma coisa boa lá no Acre, não tenho problema nenhum, eu vou fazer amizades, duas semanas dentro do ônibus e vamos embora pra lá.”

Franciele | É, eu vejo muito que é uma questão de perfis diferentes. A tua turma, a minha turma, que é a turma depois da tua, que se formou na Unibave, mas realmente hoje tem aquilo que o próprio sistema COFEM conversa muito sobre a nossa

identidade institucional. Quem é o profissional museólogo? Essa pergunta eu também gostaria de te fazer: você acha que museólogo é uma classe unida?

João Paulo | Não, não é. Cada um puxa pra um lado. Eu não acho nem um pouco. Como eu te falei, tem muito museólogo que torce contra pra gente não ter sucesso, então como é que a gente chama isso de unido? Vou dar um exemplo bem simples. Quando tu montou tua empresa e veio falar comigo. Eu falei “Nossa, Fran, que legal, estamos aqui à disposição. Qualquer informação que precisar..” Nem sei como é que tá a atuação da empresa de vocês...

Franciele | Sim, eu lembro.

João Paulo | Mas eu falei “Nossa, que legal, coisa boa, vamos embora, estamos aqui.” E com certeza teve um monte de gente que virou a cara pra ti. Tenho certeza disso.

Franciele | Ah, sim...

João Paulo | Teve um monte de gente que “Ah, pronto, acabou a amizade com a Fran, porque ela montou uma empresa e vai roubar o meu campo de atuação.”

Franciele | Sim, eu passei por isso.

João Paulo | Então como é que se diz que é uma classe unida? É complicado. É muita disputa, ego, sei lá...

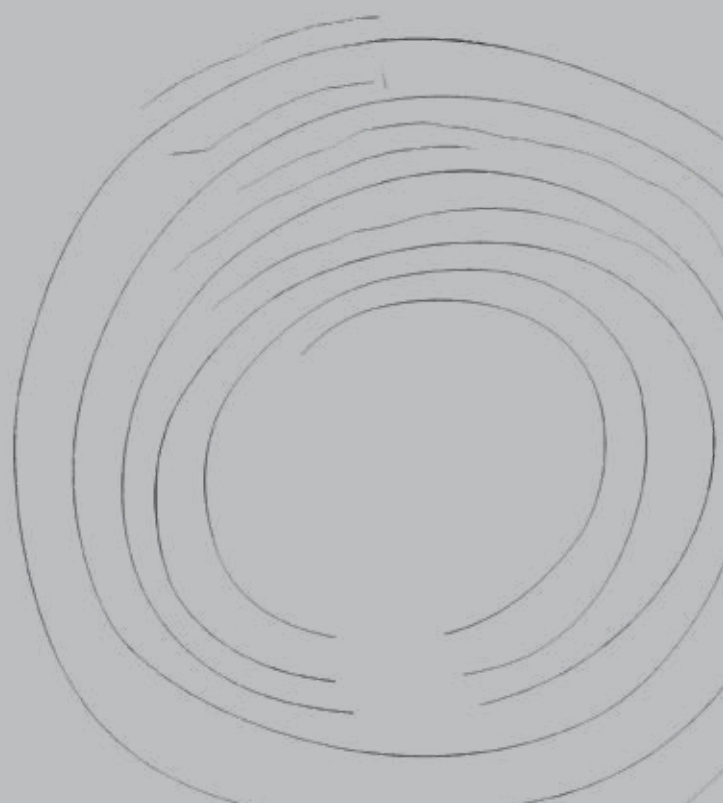
Franciele | Tem uma questão financeira mesmo. “Ah, vai roubar o meu campo aqui. Vou perder dinheiro...”

João Paulo | É, pode ser que seja, mas também não fazem nada pra tentar... Enfim, se a gente começar a falar sobre isso, vamos mais umas três horas aqui (risos).

Franciele | João, agradeço, nós agradecemos. Depois vou colocar o *link* da Viés, o Instagram de vocês anunciado. A *live* fica salva. Então, quem não pôde acompanhar, pode ver depois. Ficamos à disposição. Quaisquer dúvidas, podem entrar em contato. Lembrando que essa foi a *live* de agosto. Em setembro, vamos ter um(a) profissional do estado do Paraná; depois, em outubro, novamente de Santa Catarina. Precisando, estamos às ordens.

João Paulo | Abraço.

Franciele | Tchau, gente, obrigada a todos.



Conselho Regional de Museologia 5ª Região PR/SC

O Conselho Regional de Museologia da 5.ª Região – COREM 5R, que compreende os estados de Santa Catarina e Paraná, é uma autarquia de caráter fiscalizador e orientador do exercício da profissão de museólogo, conforme previsto na Lei n.º 7.287/1984 e regulamentado pelo Decreto n.º 91.775/1985.

Exerce um papel fundamental na valorização e no fortalecimento da profissão de museólogo na região sul do Brasil, assegurando que as atividades museológicas sejam conduzidas por profissionais devidamente registrados, regulares e comprometidos com a ética profissional e com os parâmetros técnicos estabelecidos. A abrangência territorial do COREM 5R engloba uma região caracterizada por sua rica diversidade cultural, histórica e patrimonial.

Os estados de Santa Catarina e Paraná contam com expressivo número de museus, espaços de memória e instituições culturais que desempenham papel essencial na preservação e promoção do patrimônio material e imaterial. Nesse contexto, o conselho torna-se um agente estratégico na articulação entre profissionais, instituições e sociedade civil.

Entre suas principais atribuições, estão o registro e a fiscalização do exercício profissional, o zelo pelo cumprimento do Código de Ética Profissional do Museólogo, bem como a promoção de ações orientativas e educativas voltadas ao fortalecimento da Museologia como campo científico e profissional. O COREM 5R também atua como instância consultiva e propositiva com órgãos governamentais e entidades da sociedade civil.

Ao assegurar a qualificação técnica dos profissionais e a observância das normas éticas e legais, contribui diretamente para a preservação, valorização e difusão do patrimônio cultural da região, promovendo uma Museologia comprometida com a legislação brasileira, com a responsabilidade social e solidária, com a sustentabilidade e com o fortalecimento das identidades locais.

Dessa forma, o Conselho Regional de Museologia da 5ª Região reafirma seu compromisso institucional com a sociedade, com os museólogos e com a proteção e valorização do patrimônio cultural nos estados de Santa Catarina e Paraná.

SITE

www.corem5r.org.br

INSTAGRAM

[@corem5r](https://www.instagram.com/corem5r)

E-MAIL PRESIDÊNCIA

presidente.corem5r@gmail.com

E-MAIL SECRETARIA

contato@corem5r.org.br

E-MAIL TESOUREARIA

tesourariacorem5r@gmail.com

ENDEREÇO COREM 5R

Av. Mauro Ramos, 1344 - Centro
Florianópolis/SC CEP: 88020-302

WHATSAPP COREM 5R

48 9 9994.5855